



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Domingos Monteiro: O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"Domingos Monteiro: O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 145.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

como elo de ligação, mostra as incompatibilidades fatais do «normal» com o «extraordinário», da «vida civilizada» com a «vida natural» (*Letícia e o Lobo Júpiter*, 1972). Por sua vez, do último volume publicado (*O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*, 1978) pode dizer-se que apresenta uma evidente unidade temática: seja no breve relato autobiográfico da ama Baninha a ensinar à criança Domingos a vida própria das árvores («Uma Página de Recordações a servir de Prefácio»), seja nos destinos do sobreiro que se vinga do golpe de raiva desferido por um trabalhador que caíra dele abaixo («O Sobreiro dos Enforcados»), ou da oliveira que secou de ciúmes quando a noiva de quem a plantara nela gravou os nomes do futuro casal («A Árvore Que Morreu de Amor»), ou do pinheiro com ninhos de cegonha a definhar quando vendido a estrangeiros («O Pinheiro das Cegonhas»), deparamos com exemplos da «fundamentada convicção [do autor] da íntima relação que existe entre o reino animal e o reino vegetal», como se pode ler em Nota Final à obra (p. 115), relação essa de que têm consciência «aqueles que amam a terra e em particular os camponeses» (p. 116). Ou seja, hoje poderíamos dizer que estes são os contos ecológicos de Domingos Monteiro.

Quanto às concepções narrativas, estão centradas na criação de uma intriga forte, de tempo linear e desenlace quase sempre imprevisível, conduzida por narrador de focalização tendencialmente omnisciente, no sentido em que o seu conhecimento da matéria narrada, quer no papel de auto-quer no de homo- ou heterodiegético, recebe uma formulação essencialmente assertiva, criando o efeito de saber tudo quanto é necessário para a comunicação da história. Já a experiência do mundo dos narradores não é muito variada, nem em termos sociológicos (as personagens pertencem sobretudo à pequena e média burguesia portuguesa) nem quanto ao espaço e ao tempo. Raramente a intriga se move por causalidades ou motivações sociais ou económicas. A predominância, nos títulos, de «substantivos abstractos, que significam conceitos» (Ribeiro, 1965, p. 147) é disto sinal eloquente. Por paradoxal que pareça, acrescente-se ainda o enraizamento de cenários, atmosferas e problemas, para já não falar da linguagem, no que chamaríamos de «realidade interior portuguesa» contemporânea do autor (há excepções, universalizáveis).

Os vários tipos de narrador têm uma atitude comum: são narradores da pura ilusão, de um realismo aristotélico, ou seja, de onde está excluída a auto-consciência. Consideremos a excepção modernista a confirmar o apego à tradição narrativa realista: em «Uma História a contento de Todos...», de *Histórias Castelhanas*, o «efeito de estranhamento» é praticado com grande eficácia e humor. O narrador, intituando-se a si próprio autor, interrompe várias vezes o fluxo narrativo para discutir os vários caminhos possíveis do *plot*, reconhecendo a relação de cada um com as

DOMINGOS MONTEIRO



DOMINGOS MONTEIRO

